



***Historiador(a): um ofício em perpétuo movimento...Lição de Abertura do  
Ano Letivo de 2019-2020, 1 de Novembro da Universidade de Évora 2019.***

***Maria de Fátima Nunes***







***Historiador(a): um ofício em perpétuo movimento...***

***Lição de Abertura do Ano Letivo de 2019-2020,***

***1 de Novembro da Universidade de Évora 2019***

**Ficha técnica**

Autor: Maria de Fátima Nunes ©

**Título:** *Historiador(a): um ofício em «perpétuo movimento» .... Lição de Abertura do Ano Letivo de 2019-2020, 1 de Novembro da Universidade de Évora.*

Suporte Eletrónico do Repositório da Universidade de Évora. Formato: n.d.

Data 2019. Dezembro.

ISBN: 978-972-778-146-1



Imagem cedida por Manuel Morais © - <https://youtu.be/O4ZL3jNNQjI>

*Historiador(a): um ofício em «perpétuo movimento» ... Lição de Abertura  
do Ano Letivo de 2019-2020. 1 de Novembro 2019, Dia Universidade de  
Évora*

E cumpram-se os agradecimentos institucionais.

Senhora Reitora - Professora Doutora Ana Costa Freitas.

Senhor Presidente do Conselho Geral – Professor Doutor Mota Soares.

Senhora Presidente da Associação Académica da Universidade de Évora – Lic.  
Ana Rita Silva.

Senhores Reitores ou representantes de várias Universidades Portuguesas

Autoridades Cívicas (nacionais e representativas da região), autoridades militares  
e presença eclesiástica na pessoa do Arcebispo de Évora.

Estimados Colegas Docentes e Colegas não Docentes.

Mui Caros Estudantes da Universidade de Évora!

E, todos os que, com a sua presença, honram de forma simbólica, este dia de  
abertura solene do ano letivo 2019/2010, na Universidade de Évora.

E, desde já a promessa de ser uma intervenção de 15-20 minutos, tal como foi  
solicitado pelo gabinete de protocolo da nossa Universidade.<sup>1</sup>

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Nota retirada do e-mail institucional enviado pelo Gabinete de Imagem e Protocolo sobre o qual recai a responsabilidade formal de organizar o Dia 1 de Novembro – Dia da Universidade de Évora

De um historiador espera-se que esteja em perpétuo labor, o que implica gerir geometrias de escalas de território em análise – global, internacional, nacional, regional, local. Fixemo-nos nesta magnífica sala de Atos. Recordamos a emoção de aqui ter estado, várias vezes, de aqui voltar em cada ano letivo, por razões diversas. Reter o prazer que o historiador tem em esculpir um tempo longo<sup>2</sup>, com o olhar do Cardeal Rei, entrecruzado com tempos curtos, os existenciais, os das nossas diferentes vivências de circunstâncias.

O historiador, na sua prática científica, tem que colocar perguntas! Deve ir reformulando as questões em relação ao passado, mesmo aquele que se pensa já controlar. Porque nos emocionamos nesta sala? Porque todos sentimos o peso (i)material, (in)visível da solenidade assim que calcorreamos, devagar, a imensa passadeira tecida a fios de lã, algures em Arraiolos?

Emoção que sempre está presente em momentos de exceção, como este, ou em provas académicas, ou em visita guiadas a estudantes do ensino básico e do secundário, ou ainda, e sobretudo, a estudantes de 1º ano das licenciaturas de História e Arqueologia e de Património, da Universidade de Évora que ocupam, por um tempo letivo, os lugares dos nossos convidados de hoje, 1 de Novembro. Momento quase mágico, todo o tempo de contacto de uma unidade curricular se transforma! Quase direi que o brilho e a magia lhes tocam o semblante. Imagens que não se esquecem na profissão de historiador.

É ainda esta sala que nos remete para o tempo de longa duração de Fernand Braudel, um tempo material e civilizacional que tantos ofícios de historiadores moldaram ao longo do século XX e XXI<sup>3</sup>. Esta sala feita de centralidades simbólicas de um tempo longo, de um tempo que vem desde o tempo de Humanismo e

---

<sup>2</sup> Fernand Braudel, *História e Ciências Sociais*, Lisboa, Ed. Estampa, 1990.

<sup>3</sup> Marcos Antônio Lopes (org.). *Fernand Braudel: tempo e história*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2008. Cf. A obra magistral e iniciadora de textos sobre história do Mediterrâneo, Fernand Braudel, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*, vol. I, II, Lisboa, Ed. D. Quixote, 1983-1985.

Renascimento de século XVI<sup>4</sup> até à sociedade portuguesa de um tempo de Democracia, hoje, uma vez mais, aqui convocada.

A Sala de Atos comporta, também, miríades de memórias afetivas da Universidade de Évora, de uma Universidade viva e atuante no seu tempo global; uma vez mais, a celebração cívica e académica de memórias coletivas é interiorizada, e pensada, com marcas de permanência, o Cardeal Rei, D. Sebastião, a pomba do Divino Espírito Santo, os azulejos policromados que nos enquadram e aproximam.

Julgo que uma simbólica lição inaugural deve comportar, igualmente, itinerários de uma história presente, de uma memória científica de proximidades construídas por várias gerações vividas neste espaço, a U.E., desde a data fundadora de 1974 (antes de mês Abril), o tempo inaugural da Comissão Instaladora do Instituto Universitário de Évora<sup>5</sup>.

Faz parte de irrequietude de um ofício em perpétuo movimento (como não trazer a esta sala o nosso *Honoris Causa* Rómulo de Carvalho / poeta António Gedeão)<sup>6</sup>, e ter a ousadia de fazer propostas, atrever-se a lembrar «*os novos pais fundadores*» que através de um fio invisível de Penélope souberam tecer a genealogia de vivências, de acrescentos universitários até ao ano de 2019/2020, sempre com o futuro como horizonte aberto<sup>7</sup>. E para tal precisamos de instrumentos que legitimem as ousadias de um historiador. Trazemos a palco desta conversa referências de 1999 e de 2000, de forma a lembrar a importância estratégica de «estado de arte». Em primeiro lugar lembramos o número temático da revista *Osiris: Commemorative Practices in Science - historical perspectives on Political of collective memory* (1999) e a revista *British Journal of History of Science: special issue: On time: history, science and*

---

<sup>4</sup> Maria de Fátima Nunes e Augusto Silva, s.j. (orgs), “*Da Europa para Évora e de Évora para o Mundo*”. *A Universidade Jesuítica de Évora (1559-1759)*, Évora, Ed. Instituto Superior Económico e Social de Évora, 2009.

<sup>5</sup> Cf. <https://www.bib.uevora.pt/Arquivo/Historia-da-Universidade>.

<sup>6</sup> Cf. *Doutoramento “Honoris Causa” do Dr. Rómulo de Carvalho*, Évora, Ed. U.E., 1995; Fátima Nunes, “Em trono de 25 Estudos Históricos”, in *Dia Nacional da Cultura Científica. 24 de Novembro 1998. Colectânea de Estudos Históricos de Rómulo de Carvalho*, Universidade de Évora, Tipografia da U.E., 1999; Maria de Fátima Nunes, “Rómulo de Carvalho: um historiador da Ciência, percursos e poética”, in *Revista de História das Ideias*, Vol. 24, 2008; pp. 702-714.

<sup>7</sup> <https://www.bib.uevora.pt/Arquivo/Historia-da-Universidade/Testemunhos>

*commemoration* (2000). Ferramentas que nos permitem encontrar eixos para uma *geo-referenciação*, de forma a usar a *Nova História* europeia, ao mesmo tempo que se releem os textos de Lucien Fèbvre, como olvidar os *Combates pela História*<sup>8</sup>, ou se relembra a sedução de leituras cruzadas sobre as páginas de *O Mediterrâneo* de Braudel, o lago azul que une a Europa Cristã a outras civilizações e culturas, também bordeadas por este mesmo mar civilizacional e de memória mui ampla e polifacetada<sup>9</sup>.

Ofício de historiador(a) implica ler em diferentes ritmos, alguns alucinantes, outros pausados, lentos porque necessários para fazer perpetuar a mensagem epistemológica de *fazer história* para estudantes de licenciatura, de mestrado, de doutoramento, deixando claro o envolvimento da *História com as Ciências Sociais* e, também, com outras áreas científicas.

Para além deste arsenal instrumental é possível fazer entrar na profissão a agenda das emoções. Em sucinta nota académica registámos a existência de três centros internacionais de referência científica:

- a. The Center for the History for the Emotions, Queen Mary University of London<sup>10</sup>;
- b. Research Center “History of Emotions” at the Max Planck Institute, Berlin<sup>11</sup>;
- c. Australian Research Center of Excellence for the History of Emotions<sup>12</sup>.

As emoções estão, pois, na agenda de hoje, investigação que faz descobrir as emoções no passado, mas também provocar emoções, enquanto historiadores e consumidores, de história pública. Vamos, então, em busca de uma nova construção de uma memória longa, modelada pelas gerações recentes que construíram a U.E. no território do Alentejo, colocando-a num registo europeu, internacional, global.

<sup>8</sup> Lucien Fèbvre, *Combates pela História*, Lisboa, Ed. Presença, 1977.

<sup>9</sup> Fernand Braudel, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*, vol. I, II, Lisboa, Ed.D. Quixote, 1983-1984.

<sup>10</sup> Cf. <https://projects.history.qmul.ac.uk/emotions/>

<sup>11</sup> Cf. <https://www.mpib-berlin.mpg.de/research/research-centers/history-of-emotions>

<sup>12</sup> Cf. <http://www.historyofemotions.org.au/>



Na história recente desta Universidade o tempo rural e o tempo agronómico estiveram muito presentes. Como esquecer as ligações feitas entre o ciclo de *Memórias Económicas da Academia das Ciências de Lisboa (1789-1815)*<sup>13</sup> e as gerações de Ário de Azevedo, de Santos Júnior, de Manuel Viegas Guerreiro, de Inácio Rebelo de Andrade, ou mesmo de uma «íclita geração» de enólogos, entre eles o nome de Paulo Laureano<sup>14</sup>, muito presente em programas e magazines de vinha e de vinhos.

Como historiadora não posso deixar de ir beber referências sobre o Alentejo do século XVIII, de António Henriques da Silveira, *Racional Discurso sobre a agricultura e população da província do Alentejo (1789)*, encomenda da Real Academia das Ciências de Lisboa, criada em 1779, em nome das Nações Cultas e Civilizadas da Europa das Luzes...!

Quando trabalhei a espantosa obra de Baulio Antón Ramirez<sup>15</sup> - *Diccionario de bibliografía agronómica y de toda clase de escritos relacionado con la agricultura* (editada em Espanha em 1865, conhecendo várias reedições no final do século XX e já algumas no século XXI), como uma ferramenta para preparar a tese de doutoramento<sup>16</sup>, aprendi a ler a paisagem mediterrânea, civilizacional do território Alentejo que nos revela no horizonte visual a trilogia da vinha, da oliveira, do trigo, ou a magia ritualizada do vinho, do azeite e do pão! Direi que foi também graças a este *Diccionario de bibliografía agronómica* que me cruzei, no claustro pequeno do Colégio do Espírito Santo, com Gonçalo Ribeiro Telles e com Aurora Carapinha, chegando mesmo a negociar com ela o tempo de posse e de leitura do dito *Diccionario*!

Seguramente foi graças a esta entrada pela história das ideias agrárias, agronómicas e de ruralidade, que fui descobrindo quanto estas imagens do passado foram tão identificadoras de uma parte da Universidade de Évora, logo após o *take off*

---

<sup>13</sup> António Henriques da Silveira, “Racional Discurso sobre a Agricultura e População da Província de Alentejo”, *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa. 1789-1815*, Tomo I, Lisboa, Ed. Banco de Portugal, 1990; pp.43-98.

<sup>14</sup> Cf. “Paixão pela vinha e pelo vinho: Paulo Laureano”, in *Mutante Magazine*, <https://mutante.pt/2013/07/paulo-laureano/> [acedido 20 de Outubro 2019].

<sup>15</sup> Braulio Antón Ramírez, *Diccionario de bibliografía agronómica y de toda clase de escritos relacionado con la agricultura*, reedição Alicante, Ed. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. Publicación original: Madrid, Imp. y Est. de M. Rivadeneyra, 1865.

<sup>16</sup> Cf. Maria de Fátima Nunes, *Imprensa Periódica Científica (1772-1852). Leituras de «sciencia agricola» em Portugal*, Lisboa, Ed. Estar, 2001.

da Comissão Instaladora<sup>17</sup>. Foi graças a essa faceta da Universidade, em cruzamento com a produção de uma tese de Doutoramento, em História Moderna e Contemporânea, que descobri o espantoso núcleo da Mitra e do *Conventinho*. Senti que a Europa agrária de fim de século XVIII e da primeira metade de um tempo de Liberalismo, político, cultural, ideológico, científico, económico, estava ali, também, naquele território como se de um arquivo vivo, aberto e dialogante se tratasse. Cruzei olhares, pois, com a agronomia, com a história das ideias agrárias, dos agrarismo oitocentistas e novecentistas, com a sociologia rural - sobretudo na sua vertente de extensão rural, que me conduziram a decifrar os *Catecismos de Agricultura (como periódicos científicos)* da Europa do Sul... E perceber a importância estratégica de o Arcebispo-Bispo do Algarve, D. Francisco Gomes, fazer publicar em fins de setecentos, um texto intitulado *Instruções sobre a Cultura da Batata*<sup>18</sup>, para instruir párocos, e depois o povo, a consumir as *castanhas do diabo*! Prática seguida pela Real Academia das Ciências de Lisboa, pela Academia das Ciências de Paris, ideias divulgadas e popularizadas pela imprensa periódica literária e científica que circulava em Portugal, por esse tempo de Luzes e de advento de Revolução Liberal.

O historiador no seu ofício tem, também, que estar em estado de alerta permanente para usar outras leituras, outras fontes, para, enfim, ter mais *inspiração*! Tomemos de empréstimo Miguel Torga – Portugal<sup>19</sup>. Quando o poeta do Marão desceu à planície (1ª edição 1950) fez registar em letra de edição:

“Em Portugal há duas coisas grandes pela força e pelo tamanho: Trás-os-Montes e o Alentejo. Trás-os-Montes é o ímpeto, a convulsão; o Alentejo, o fôlego, a extensão do alento [...] Neste Alentejo [...] a catedral de Évora olha os horizontes do alto do seu zimbório espelhado] [...] Será talvez alucinação de poeta. Mas porque nela se documenta inteiramente a génese do que somos, o que temos de lusitanos, de latinos, de árabes e de cristãos [...] Se estivesse nas minhas mãos, obrigava todo o português a fazer uma quarentena ali. Uma lei

<sup>17</sup> Documentos que se encontram *on line* no Arquivo Histórico da Universidade, o que denota a modernidade obrigatória de ciências da informação / arquivo da nossa Instituição - <https://www.bib.uevora.pt/Arquivo/Historia-da-Universidade>

<sup>18</sup> Cf. Detalhes em Francisco Xavier de Athaide Oliveira, *Biografia de D. Francisco Gomes de Avelar. Arcebispo-Bispo do Algarve*, Porto, Typ. Universal, 1902 e Maria de Fátima Nunes, *Imprensa Periódica Científica (1772-1852). Leituras de «sciencia agricola» em Portugal*, Lisboa, Ed. Estar, 2001.

<sup>19</sup> Usámos a edição, Miguel Torga, *Portugal* (4ª edição revista), Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1980.

pública deveria força-lo a entrar na cidade, a desoras, numa noite clara de luar. E, sem guia, manda-lo deambular ao acaso. Seria um filme maravilhoso [...] E se ao cabo da prova não tivesse sentido que num templo de colunas coríntias se pode acreditar em Diana, numa Sé românica se pode acreditar em Cristo, e num varandim de mármore de pode acreditar no amor, seria desterrado!»

Como pode o historiador ficar indiferente a leituras, e agendas, que se entrelaçam para compor o olhar de seu ofício quotidiano, dentro da Universidade de Évora.

Memória – Emoções – História constituem um périplo que permite, em nosso entender, renovar as aproximações ao passado. Um desvio, breve, para clarificações exemplificativas.

O ano de docente de 1989. Deambulava por essa época pelas investigações de periódicos científicos para descobrir as modelagens agronómicas comparadas, e lecionava a «cadeira» de *História da Cultura e das Mentalidades Contemporânea*. O ano letivo de 1988/ 1989 regia-se sob o signo de 1789-1989: o Bicentenário da Revolução Francesa. A passagem de ano, em Paris, catapultava todas as atenções para *le bleu, le blanc, le rouge*: um verdadeiro cartaz turístico por via dos fogos-de-artifício, a partir da Torre Eiffel, erguida para comemorar o primeiro centenário da Revolução, na Grande Exposição Universal de Paris de 1889! Alguns meses depois, dava-se início ao novo ano letivo, o de 1989/90! E pouco depois a oficina dos historiadores conheceria verdadeiros sismos epistemológicos e ideológicos. A 9 de Novembro de 1989 cai o Muro de Berlim! E, aparentemente, tudo ia mudar! Mas foi nesse mesmo mês de brumas – de um calendário napoleónico – que uma multidão surgiu em pleno coração madrileno; era um pós dia 12 Novembro 1989 (morte de Dolores Ibarrúri). À saída da Biblioteca Nacional de Madrid deparamos com milhares de pessoas que enchiam todas as artérias de asfalto e os canteiros dos jardins. Erguiam-se vozes, que soava a cante alentejano, *pero en castellano mui denso*, movendo-se, em unísono, e erguendo bandeiras vermelhas! E não era gente de Madrid! Rostos de rugas vincadas, trajas de ruralidade, corpos cansados e arqueados. As gentes de Madrid, os de *tapas e de copas* de fim de dia, tinham-se eclipsado. Tratava-se do funeral de Dolores Ibarrúri,

a *Pasionária* espanhola<sup>20</sup>. Emoções coletivas, públicas, vozes que vinham do passado, ventos que sopravam em vários registos de uma memória histórica de uma Espanha de século XX, ainda dorida e dolorosa. E, voltar a dar aulas como historiadora nunca mais foi igual, depois daquele ano de excecionalidade de 1989!

Mitos? Construções mentais? Claro que sim! Utensílios epistemológicos muito úteis ao ofício de historiador. Dentro da abrangência de História e Ciências Sociais, como não recordar uma das mais belas conferências que assistimos, enquanto estudante de Mestrado da FCSH-UNL. Recordemos as palavras de Gilbert Durand, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Av. De Berna, em Lisboa, pouco tempo depois editadas<sup>21</sup>.

“10 Fevereiro. 1981. Meus caros amigos.

Vasco da Gama descrevia orgulhosamente ao sultão de Moçambique a Península Ibérica como a «cabeça da Europa». O que significa, então, que Portugal, coberto com a capucha espanhola, é o seu rosto. Perfil que respira por Lisboa e pelo estuário do Tejo e sorri com o estuário do Sado. Rosto da Europa? Talvez face enigmática dessa maciça Península Ibérica duplamente fechada pelos Pirenéus e pelos Montes Cantábricos. [...] Direi aqui, [1981 – FCSH espaço ainda com memória material do quartel de trem auto] em seminários e conferências, o que apenas se ousa balbuciar nas margens escolásticas do Sena. Neste clima de doçura, de sonho, de nostalgia, de civilidade e de extrema cortesia [...] creio que as novas filosofias, as novas metodologias, as cem flores de uma epistemologia que desabrocham (serão cravos...?) de uma modernidade que se procura\_[ramificar]<sup>22</sup>.

É também esta modernidade num “Movimento Perpétuo” (Gedeão 1958), a Antologia que acolhe o poema de força telúrica *Pedra Filosofal*<sup>23</sup>, que julgo ser hoje possível, desejável e pertinente convocar para novas memórias científicas e culturais da antiga / jovem Universidade de Évora. Qual bola colorida nas mãos de historiadora,

<sup>20</sup> Cf. Javier Rivas, Juan González Ibañez, “ Decenas de miles de personas despidieron a Pasionaria”, *El Pais*, *Diario*, 17 Novembro 1989, [https://elpais.com/diario/1989/11/17/espana/627260403\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1989/11/17/espana/627260403_850215.html) [acedido 27 de Outubro 2019].

<sup>21</sup> Cf. Gilbert Durand, *Mito, Símbolo e Mitodologia*, Lisboa, Ed. Presença, 1982.

<sup>22</sup> Idem, *Ibidem*: 15-17.

<sup>23</sup> *Poesias Completas de António Gedeão*, Lisboa, Ed. Portugalíia, 1968, 2ª edição.

façamos despertar o sonho e revisitar figuras recentes da memória coletiva, científica e emotiva da Universidade de Évora após a data simbólica de 1974!

Façamos desabrochar novas narrativas, para que o peso, e aparato simbólico, deste 1 de Novembro possam obedecer aos rituais de um tempo longo, mas também a um tempo de urdir e evidenciar ruturas, e inovações, que vão ondulando com os traços de permanência do tempo do Cardeal Rei!

Quando o historiador começa o ofício, vai sempre à última imagem do filme do presente. E a partir de um último instante vivido que parte em busca de outras imagens no passado. Propomos, pois, que se construa uma *Utopia com pés na Terra*<sup>24</sup>, pedindo de empréstimo o título da Exposição sobre Gonçalo Ribeiro Telles que a Biblioteca Pública de Évora organizou, já este século XXI. Façamos uma busca pela memória e história de personalidades da Universidade de Évora para que o sonho de um poema se possa converter em realidade de palco público, de um outra entrada oficial para o património histórico-cultural – turístico - da Universidade da Companhia de Jesus. Na página oficial, divulgando o programa do dia de hoje, lê-se: «[...]A data representa um dos momentos mais relevantes do ano académico eborense, assinala a fundação da Universidade Jesuíta em 1559».

Que se tenha a ousadia de colorir um retemperado portal narrativo, onde sobressaia «a tela, é cor, é pincel, base, fuste, capitel, arco em ogiva, vitral, pináculo de cátedra» (Gedeão, Pedra Filosofal, 1956). Como? As palavras do poeta podem ajudar. «Como esta pedra cinzenta / em que me sento e descanso,/ como este ribeiro manso / em serenos sobressaltos». Assim se faça dialogar o tempo longo com um tempo vivencial desta sala humanizada dos dias de hoje. Que se dê cor e forma ao texto esquecido de Manuel Viegas Guerreiro, «O Papel da antropologia social na execução de Programas de Desenvolvimento Rural – Évora. Instituto Universitário de Évora, 1974», o cientista social que se cruzou por estes claustros e que tanto dialogou com Cláudio Torres, com António Borges Coelho, com Mariano Feio...

Que o cinzel possa esculpir a pedra cinzenta – porque aparentemente muito longínqua – e o aproxime de uma história de emoções científicas, talvez caldeadas por

---

<sup>24</sup> *A Utopia e os Pés na Terra. Gonçalo Ribeiro Telles*. Évora, Museu de Évora. Instituto Português de Museus, 2003.

um vinho milenar, pelas deambulações sociológicas de Augusto da Silva, ou que nos faça esculpir baixos relevos de Cultura Clássica – greco-romana – para lembrar um fugaz membro de Comissão Instaladora de 1974, Raul Rosado Fernandes. Mas que o ribeiro sereno de Degebe nos traga, sem sobressaltos e em serenidade, as várias dimensões de um Alentejo de ruralidade estudado e praticado cultural e cientificamente pelos nomes seminais de Ario de Azevedo, e Santos Júnior, e pelo sociólogo Inácio Rebelo de Andrade.

E que a pedra milenar, em que nos sentamos, e repousamos, nos evoque as visitas a Monsaraz de Francisco Ramos, para de forma interdisciplinar se ler paisagens, gentes, proprietários da sombra, alfobres de sonhos.

Paisagens globais que foram desmontadas, desconstruídas e voltadas a erguer em desenhos, planos, esboços, traços de lápis coloridos por aguarela criativas, narrativas de oralidade de histórias de vários mundos, por Gonçalo Ribeiro Telles.

Ou, evocar o físico Rui Namorado Rosa, Doutorado em Física dos Plasmas (Oxford, 1969), que na Universidade de Évora, sob os azulejos dos Quatro Elementos Aristotélicos, do Colégio do Espírito Santo, um dia, a propósito de Isaac Newton, resolveu juntar em seminário de História e Filosofia da Ciência, Físicos e Historiadores, Cientistas e Humanistas<sup>25</sup>. Fim das duas culturas? Talvez porque acreditasse, realmente, na importância de saber ler, em diferentes sintonias discursivas as palavras do poeta:

«[...] passarola voadora,  
pára-raios, locomotiva,  
barco de proa festiva,  
alto-forno, geradora,  
cisão do átomo, radar,  
ultra-som, televisão,  
desembarque em foguetão  
na superfície lunar. [...]» (António Gedão)

---

<sup>25</sup> Cf. Rui Namorado Rosa, *Estudos sobre a Ciência em Portugal (do século XVIII até agora)*, *Antologia de Textos*, Évora, Ed. Instituto de Ciências da Terra – U.E. , 2019.

Muitos outros sinais, inequívocos de várias modernidades epistemológicas, coabitaram, e coabitam, com o espaço da Universidade da magnificência dos azulejos setecentistas e foram desabrochando ao longo dos anos em várias unidades de investigação de Excelência, em redes de ensino e de investigação internacionais, num território europeu, localizado no Alentejo! O dia 1 de Novembro na Universidade de Évora é também o dia em que devemos celebrar, e dar visibilidade científica a várias gerações da nossa contemporaneidade, de mostrar a capacidade de dever ser ousado e inovador e que Academia, possa, como um todo, ensaiar tecer diferentes *Utopia(s) com raízes na Terra*.

Maria de Fátima Nunes

A handwritten signature in blue ink, reading 'Maria de Fátima Nunes', with a horizontal line underneath.

Universidade de Évora, 28 de Outubro 2019